

COMUNICAÇÃO:

Mídias, temporalidade e processos sociais

Miguel Rodrigues Netto
(Organizador)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Miguel Rodrigues Netto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais /
Organizador Miguel Rodrigues Netto. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-435-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.358212608>

1. Comunicação. 2. Mídias. I. Rodrigues Netto, Miguel
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O livro “Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais” é uma obra multidisciplinar que reúne estudos científicos de pesquisadores de diversas partes do país sob o fio condutor da mídia e de suas relações na sociedade. Ao todo dezessete capítulos emprestam seu brilho a esta obra que tem tudo para ser referência nos estudos da mídia. Este primeiro volume aborda de forma categorizada os trabalhos conforme suas afinidades temáticas.

Como é de se esperar pela temática, o livro apresenta uma predominância de capítulos que dialogam de modo mais explícito com o jornalismo e suas práticas assim temos a abordagem do jornalismo em plataformas digitais, jornalismo de revista e sites de notícias. A publicidade é também uma área central na obra e aqui temos estudos que abrangem comportamento do consumidor, campanha publicitária e publicidade comportamental.

Num eixo tangente às mídias o livro dialoga bem com áreas importantes das ciências humanas e sociais, como as interfaces tecnológicas nos estudos de games, seja nas transformações comunicacionais contemporâneas, seja enquanto jogos digitais acionados por smartphones ou na trilha sonora dos games. Também merece destaque o debate sobre o desejo social do consumo, a análise do discurso presidencial sob o espectro do negacionismo, bem como outros estudos que perpassam por campos complexos e múltiplos como direitos humanos, educação, filosofia e cultura.

O objetivo central do livro é demonstrar como é amplamente possível a partir de um tema interdisciplinar reunir pesquisadores dos mais diversos matizes capazes de produzir sentidos que dialogam entre si e que ampliar o alcance de um debate tão caro ao nosso tempo como a temporalidade e os processos sociais que emergem das mídias e que foram catapultados ao plano máximo com o advento da pandemia do Coronavírus.

A humanidade nunca esteve tão conectada e a sociedade em rede nunca foi tão real. O ciberespaço se maqueia de simulacro e realidade conforme a nuance que lhe é dada pelo fluxo cibercultural do conteúdo compartilhado. As relações econômicas, políticas e sociais se imbricaram de tal forma que é impossível dizer quanto um conteúdo é comercial, de entretenimento, de engajamento ou instrucional. Não sabemos a medida potencial dos meios que nos cercam.

Deste modo a obra Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais apresenta uma teoria bem fundamentada nos resultados práticos obtidos pelos diversos pesquisadores que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui serão apresentados de maneira concisa e didática. Esperamos que nestes tempos sombrios onde a intolerância e a polarização insistem em minar o senso crítico, que esta obra possa servir de luz para pavimentar o sólido conhecimento acerca das mídias que aqui se constrói e se consolida.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A PANDEMIA NO UNIVERSO DELAS: COMO PLATAFORMAS DIGITAIS DIRIGIDAS ÀS MULHERES INFORMAM SUAS LEITORAS SOBRE O CORONAVÍRUS	
Elizângela Costa de Carvalho Noronha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3582126081	
CAPÍTULO 2	23
CONTEÚDO JORNALÍSTICO DAS REVISTAS BOA FORMA E CORPO A CORPO NA ABORDAGEM DO TEMA BELEZA	
Miguel Rodrigues Netto	
Débora de Andrade Barbão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3582126082	
CAPÍTULO 3	39
MERCADO DE REVISTAS E O NICHOS DO HOMEM EM CRISE DE IDENTIDADE NO BRASIL E PORTUGAL	
Mateus Silva Noronha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3582126083	
CAPÍTULO 4	54
MODELOS DE NEGÓCIO NO JORNALISMO DIGITAL: PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL	
Raniê Solarevisky de Jesus	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3582126084	
CAPÍTULO 5	71
AS NARRATIVAS EM SUAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS: O CASO “LAVA JATO” EM SITES JORNALÍSTICOS	
Karolina de Almeida Calado	
Heitor Costa Lima da Rocha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3582126085	
CAPÍTULO 6	85
A CAMPANHA DE LANÇAMENTO DA MARCA DEVASSA E A REINVENÇÃO DA PUBLICIDADE	
Sandra Maria Ribeiro de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3582126086	
CAPÍTULO 7	98
O CONSUMO DO MODO DE VIDA DA ARISTOCRACIA INGLESA: A REPRESENTATIVIDADE DO LUXO E PODER	
Lye Renata Prando	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3582126087	

CAPÍTULO 8	109
PUBLICIDADE COMPORTAMENTAL E RESPONSABILIDADE CIVIL	
Bruno Yudi Soares Koga	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3582126088	
CAPÍTULO 9	129
GAMES E INTERFACES: UMA CORRELAÇÃO ENTRE A POPULARIDADE E A EXPERIÊNCIA DO USUÁRIO	
Paula Poiet Sampedro	
Gislene Victoria Silva	
Vania Cristina Pires Nogueira Valente	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3582126089	
CAPÍTULO 10	141
TRANSFORMAÇÕES COMUNICACIONAIS CONTEMPORÂNEAS A PARTIR DO PRISMA TECNOLÓGICO	
Danusa Santana Andrade	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.35821260810	
CAPÍTULO 11	153
ANÁLISE TEÓRICA SOBRE JOGOS DIDÁTICOS DISPONÍVEIS COMO APLICATIVOS PARA SMARTPHONES COM O TEMA TABELA PERIÓDICA	
Carlos Adriano Sá Amorim	
Elaine da Silva Ramos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.35821260811	
CAPÍTULO 12	166
A TRILHA SONORA DOS GAMES: UMA RETROSPECTIVA	
Gislene Victoria Silva	
Paula Poiet Sampedro	
Vânia Cristina Pires Nogueira Valente	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.35821260812	
CAPÍTULO 13	178
A LIBERDADE DO INDIVÍDUO NO DESEJO SOCIAL DE CONSUMO A FILOSOFIA DE UMA CONSCIÊNCIA NO HUMANISMO DE ERICH FROMM	
Antônio Veiga Neto	
Jacir Alfonso Zanatta	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.35821260813	
CAPÍTULO 14	194
A NEGAÇÃO DA VACINA E A RESISTÊNCIA AO JACARÉ: DO DISCURSO VERBAL DO PRESIDENTE AO DISCURSO MIMETIZADO DA OPOSIÇÃO	
Ahiranie Sales dos Santos Manzoni	
Lisiane Alcaria de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.35821260814	

CAPÍTULO 15	207
PESQUISAS EM MUDIATIZAÇÃO E POLÍTICA: O ESTADO DA ARTE NO BRASIL	
Mab Favero Nathasje	
Marcos Fabio Belo Matos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.35821260815	
CAPÍTULO 16	222
VIOLÊNCIA-IMAGEM, MÍDIA E PULSÃO DE MORTE: PEDAGOGIA DO IMAGINÁRIO E DIREITOS HUMANOS	
Magno Medeiros	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.35821260816	
CAPÍTULO 17	235
RESSIGNIFICAÇÃO DO MITO SUL-RIO-GRANDENSE PELO OLHAR DE MENINAS ESCOLARES DE 12 A 18 ANOS RESIDENTES EM SANTA MARIA, RS	
Jéssica Dalcin da Silva	
Evandro Bertol	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.35821260817	
SOBRE O ORGANIZADOR	241
ÍNDICE REMISSIVO	242

CAPÍTULO 13

A LIBERDADE DO INDIVÍDUO NO DESEJO SOCIAL DE CONSUMO A FILOSOFIA DE UMA CONSCIÊNCIA NO HUMANISMO DE ERICH FROMM

Data de aceite: 01/09/2021

Antônio Veiga Neto

Formado em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Jacir Alfonso Zanatta

Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

Membro do Comitê Científico da UCDB e Coordenador do grupo de pesquisa sobre “As Doenças da Alma” e “Pelos Olhos da Literatura”. Leciona nos cursos de Filosofia, Jornalismo e Publicidade e Propaganda.

Professor colaborador do programa de mestrado e doutorado em psicologia da UCDB

RESUMO: A sociedade contemporânea com a liberdade diminuída pelas forças autoritárias de consumo, necessita enxergar que a criação de desejo por meio da publicidade e da mídia é uma destrutividade que coloca à venda a própria personalidade. Este artigo é norteado pela pergunta: quais os fatores que estão fora da consciência que ferem a dignidade humana afastando o indivíduo de ser ele próprio? para resgatar a individualidade do homem o autor propõe o humanismo como “retorno ao seu eu”, reestabelecendo as potencialidades, tornando-se ativo na sociedade e alcançando uma vida produtiva. Em uma linguagem antropológica, abordar-se-á a ética humanista como a arte de viver, visando a capacidade de conhecimento das autoridades, do problema moral como indiferença para consigo mesmo, no mundo de

consumo exacerbado que o torna instrumento para coisas alheias.

PALAVRAS-CHAVE: Consciência. Humanismo. Liberdade. Desejo. Individualidade.

ABSTRACT: The contemporary society, with its freedom diminished by the authoritarian forces of consumption, needs to see that the creation of desire through advertising and the media is a destructiveness that puts its own personality for sale. This article is guided by the question: what factors are outside the consciousness that hurt human dignity by keeping the individual from being himself? In order to rescue the individuality of man the author proposes humanism as “return to his self”, reestablishing the potentialities, becoming active in society and achieving a productive life. In an anthropological language, humanist ethics will be approached as the art of living, aiming at the capacity of knowledge of the authorities, of the moral problem as indifference to oneself, in the world of overstated consumption that makes it instrument for foreign things.

KEYWORDS: Consciousness. Humanism. Freedom. Desire. Individuality.

1 | INTRODUÇÃO

Fromm discute este tema acreditando que quando o homem tomou consciência de si mesmo foi arrancado de sua união com a natureza, deixou de ser como as outras espécies animais que não tem noção de sua individualidade, possuindo a necessidade de refletir sobre a condição de transformar o ambiente para a própria adaptação. Fromm vê

a autoconsciência como a característica humana mais distintiva dos demais seres, como animais únicos que podem raciocinar, embora muitos a evitem para fugir da ansiedade, já que o destino se encontra nas próprias mãos.

A consciência resgata a capacidade do homem na relação da alma consigo mesmo pela qual deve conhecer-se, julgar-se e cuidar-se. Fromm baseado em Sigmund Freud (1856-1939) e Karl Marx (1856-1939), que na teoria crítica da Escola de Frankfurt discute a razão como um valor e instrumento, valor no sentido de visão humanista e instrumento como investigação dos traços de manipulações pessoais. Os fenômenos irracionais do homem contemporâneo mostram o quanto a sociedade é desgastada sem as considerações da força individual. Esta investigação do “consumismo” como ferida da dignidade humana não se trata só do ato de comprar, mas de interferência na subjetividade em que todos estão envolvidos.

O problema que já se julga ultrapassado em afirmar o duelo de capitalismo e comunismo não é o caso da abordagem da filosofia de Fromm, trata-se da alternativa entre burocracia e humanismo. A investigação do filósofo perpassa as camadas sociais a partir de: ideologia, psicologia e economia.

As impotências do homem moderno é se conformar com as autoridades sociais, apresentada pela cultura a partir do modelo econômico. Este debate faz parte da oposição da consciência humanista que está atrelado a ideia de submissão e alienação. O medo que torna o homem insignificante é o que toma a sua própria voz e lhe presenteia com a impotência.

A uma dificuldade de reconhecer se nossos desejos são realmente nossos, dentro do mundo do consumo. O mercado como protagonista de manipulação nutre este desejo modelando a personalidade a partir de suas exigências. Aborda-se o rigor da autoconsciência dentro da dignidade ética que permite ao indivíduo uma vida produtiva.

A filosofia frommiana vem trazer ao debate a descoberta do inconsciente social onde seus atributos agride a personalidade do indivíduo. Seu humanismo contribui para construção de pessoas sadias na sociedade de consumo. Seu principal apontamento é a destrutividade que o homem tem de enfrentar para se constituir como pessoa, aumentando a sua margem de liberdade e compreendendo, a sua individualidade.

2 | CONSCIÊNCIA E LIBERDADE

O conceito humanista-existencial de liberdade em Fromm está na ordem psicanalítica do inconsciente, somos livres dentro das constituições e marcos culturais. A consciência indaga na linguagem do indivíduo o querer e o poder dentro de seus desejos e escolhas. A liberdade está atrelada a “autoridade” que o homem não conhece, é interior em sua individualidade e exterior nas forças sociais, no caso o sistema econômico. A abordagem parte da consciência humanista como oposição ao autoritarismo, processo de alienação

(alheamento) e o conformismo (conformista de autômato), como mecanismo de fuga.

O significado da vida do homem se dá pela aceitação da responsabilidade de si próprio para o exercício da liberdade pessoal. Na reflexão da liberdade propõem-se a oposição entre consciência autoritária e consciência humanista. Nascimento afirma que “a autoridade externa é a fonte de que se nutre a consciência” (2010, p.124/125). Além destas oposições de teorias de consciências, faz-se necessário o complemento do caráter de alheamento e conformismo.

A consciência autoritária é o que Freud descreveu como o Super-Ego [...] esta é apenas uma forma de consciência ou, possivelmente, uma fase preliminar do desenvolvimento da consciência (FROMM, 1966, p.129).

Ao deparar-se com a autoridade, na submissão a algo-alguém ou exercendo a autoridade, ele é protagonista da consciência. O discernimento de escolha pode ser produtivo ou destrutivo, a interiorização da autoridade implica levar o homem a ser escravo obediente de outros ou se tratar como escravo. O humanista, Julian Huxley citado por Fromm (1966), já havia assinalado que a aquisição de uma consciência autoritária era parte do processo da evolução humana necessário antes do racionalismo e da liberdade chegarem à possibilidade de uma consciência humanista.

O exemplo destas consciências o autor ilustra pela obra “o processo” de Franz Kafka que discute uma metamorfose onde Josek K, o protagonista, se encontra julgado por um crime que não conhece, não sabe quem o acusa, seu advogado não soluciona seus problemas, o capelão não lhe apoia espiritualmente. A resolução possível deste o círculo vicioso que lhe torna alienado é voltar-se para si próprio e reencontrar a sua consciência que lhe mostra a luz de sua dignidade como homem livre: “O tribunal nada pretende de si. Ele o recebe quando você chega e o larga de mão quando você sai” (FROMM, 1966, p.151).

A liberdade do indivíduo está em seu próprio julgamento, a consciência passa ser humanista quando ele não se destrói no próprio julgamento, se dando a condenação. O medo na liquidez bauminiana, trata-se da exploração política e comercialmente, estimular a insegurança se faz necessário para a ação do governo e do comércio, (BAUMAN, 2010). Deste modo, o indivíduo se depara com o consumo dentro da força externa autoritária, o medo se faz presente com intimidação do consumidor, mas sempre no inconsciente, porque a reação é de prazer e nunca de desconfiança.

Não haverá, igualmente, além de um desejo inato de liberdade, uma aspiração instintiva à submissão? [...] A submissão é sempre a uma autoridade manifesta ou há também submissão a autoridade interiorizada, como dever ou a consciência, a compulsões interiorizadas ou a autoridades anônimas, como a opinião pública? (FROMM, 1977, p.16).

A novidade do conceito de “liberdade” é a ideia da existência do humano e seu significado é mutável de acordo como o homem se concebe independente. Analisando

o aspecto humano das forças autoritárias e da liberdade, acredita-se que é necessário encarar o problema geral dentro dos fatores psicológicos, econômicos e ideológicos, quesitos julgados dentro da personalidade é o que está atrelado ao mundo de consumo. A submissão é um resultado possível de individuação¹ que em princípio se discute como um processo dinâmico dentro da liberdade que cresce no indivíduo a partir de sua personalidade, o que é destrutivo para o homem contemporâneo.

O problema geral do processo de expansão da liberdade, o autor chama de caráter dialético² (potência ou impotência do indivíduo), as duas maneiras que afetam o homem, sendo a primeira é a capacidade de autoconfiança, independência e criticidade. A segunda seria o isolamento, medo e solidão. Este processo é a contribuição dupla do capitalismo como o incremento de liberdade positiva e como sensação de insignificância. Acredita-se que o capitalismo moderno afetou e modelou a personalidade do indivíduo moderno a partir da orientação mercantil³, criando desejos por meios da publicidade e alterando o caráter e manipulando a sociedade.

Ao mesmo tempo que o capitalismo suscitou autoafirmação no indivíduo, para quem tem sucesso no consumo, também suscitou autonegação para quem não tem o mesmo êxito. Resultou-se insignificância e impotência no indivíduo no mundo de consumo, considerando o acúmulo de capital do trabalho um progresso da humanidade, fora os fins extras pessoais convertidos em servo da máquina por ele feita. Um valor ganhado com sua própria voz a considerar foi o surgimento dos sindicatos (FROMM, 1977).

Manipulação e instrumentalidade chegaram ao indivíduo pelo seu próprio relacionamento, nas relações a regra é a do mercado, apesar de ser considerada a relação de indiferença como base dos concorrentes. A questão é que além dos concorrentes a indiferença se dar entre empregador e empregado.

No caráter de alheamento⁴ das relações econômicas entre os indivíduos, não se dá entre pessoas e sim entre coisas, e por esta razão “o mercado decide o valor das qualidades humanas” (FROMM, 1977, p.102). Autoconfiança dentro desta lei do mercado, significa o que as outras pessoas pensam, ou seja, isso passa despercebido como sentido do eu.

“Liberdade ou solidão” foi frase de um meme que viralizou nas redes sociais mostrando fotos de pessoas sozinhas em mesas de bares e restaurantes consumindo algo. A solidão é ilustração da existência e consciência de que o destino e a convivência estão nas próprias mãos do indivíduo. Reafirma-se a responsabilidade de membros sociais no desenvolvimento da liberdade, a destrutividade de solidão está presente nas frustrações da falta de sentido da vida, o sistema econômico agride os relacionamentos interpessoais,

1 Realização do Si mesmo segundo Carl Gustav Jung.

2 Esta expressão é usada por Fromm no contexto dos aspectos da liberdade para o homem moderno. Encontra-se na obra o medo a liberdade, (FROMM, 1977, p. 91).

3 Quando a pessoa humana é tratada como mercadoria. Orientação discutida por Fromm em Análise do homem, a personalidade é usada como utilidade no mundo de mercado.

4 Processo de alienação.

não esclarece para onde a sociedade está caminhando com tanto consumo e desperdício.

Fromm (1996), percebeu que o homem contemporâneo está em volta deste paradigma típico de sua época. Forbes (2010), complementa que a responsabilidade para a produtividade da liberdade é destrutiva a partir da culpa, quase sempre e em primeiro o indivíduo culpa algo ou alguém justificando as suas incompetências em uma contínua tentativa de fugir de sua autorresponsabilidade.

A evolução do pensamento moderno, desde o protestantismo até a filosofia de Kant, pode ser caracterizada como a substituição da autoridade externa por outra interiorizada. Com as vitórias políticas nascentes classe média, a autoridade externa perdeu prestígio e a própria consciência do homem assumiu o lugar antes ocupado pela autoridade externa. Esta modificação afigurou-se a muitos como sendo a vitória da liberdade (FROMM, 1977, p.136).

O caráter autoritário se resume em anseio emocionais, é a própria restrição da liberdade humana, Fromm aponta que “o caráter autoritário sempre há um poder superior [...] resta senão submeter-se” (1977, p.139). O homem não é livre pelas suas próprias ações de poder se autogovernar, o indivíduo se afasta do sentido de igualdade e solidariedade, pois a falta de poder é entendida como culpa e inferioridade.

O conformismo é um grande preço do individualismo no sentimento de solidão, desistência do ego individual, portanto, o indivíduo se torna um “conformista de autômato”⁵ e dentro deste mecanismo é comparado ao mimetismo que muito fica parecido com o molde da cultura que forma a sua personalidade e não pode ser distinguido deste. Seus sentimentos e pensamentos são reprimidos, deixa de ser ele mesmo, adota sem voz ativa os padrões culturais.

Conformismo de autômato, discutido por Fromm como mecanismo de fuga, é o que Jaques Lacan dá continuidade com a expressão hegeliana de bela-alma “como modo de camuflagem do sujeito no discurso da ciência” (FORBES, 2012, p.75), tratando-se da indiferença para com as suas liberdade de escolha, principalmente no que vale a sua felicidade resultando no esquecimento da própria subjetividade do indivíduo.

O indivíduo se ver crítico e consciente do sistema de mercado que está ao seu redor, mas no final das contas é impelido pelo próprio sistema, não consegue se impor em atitudes concretas, sua consciência é falsa e sua capacidade não se mostra no sucesso que tanto se ilude. “Aparentemente o sujeito é mais livre, mas só na aparência, na língua solta a ‘falar verdades’ nas redes sociais, a impor-se em relação ao outro. É submisso ao consumo” (EDLER, 2017, p.31).

Falta de liberdade, portanto, significa que o homem é dominado por impotência, conformando-se com autoridades desconhecidas diante de um ego que não lhe pertence e sua impotência baseia-se no fato de se sentir obrigado a conformar-se, levando-o a perder o sentido de viver e caindo no desespero. “Assim, a liberdade – como – liberdade de – leva

⁵ Mecanismo tido como mimetismo, confundir um indivíduo com outro.

a um novo cativo” (FROMM, 1977, p.204). Humano mais consciente é o nível mais alto de humanidade, suas realizações modificam o espaço em que vive e a produtividade de sua vida pessoal e social distancia a sociedade da alienação:

Se considerarmos apenas as necessidades econômicas, no que toca às pessoas “normais”, se não vímos o sofrimento inconsciente da pessoa comum automatizada, então conseguiremos ver o perigo que ameaça nossa cultura em sua base humana. (FROMM, 1977, p.203).

No relacionamento consigo e com os outros, o filósofo perpassa da preocupação psicológica às denúncias das falhas políticas, sociais e econômicas que destrói a dignidade do homem contemporâneo. No credo humanista, Fromm mostra a preocupação com ampliação da margem de liberdade; compreensão da individualidade; rompimento das cadeias ilusórias; acreditando que é dever intelectual é analisar as expressões dúbias na sociedade (FROMM, 1969).

Tomando consciência da liberdade a partir do relacionamento com as autoridades que lhe cercam, enxergando todas as forças autoritárias que lhe circundam, o indivíduo deve saber se relacionar com o mundo de consumo que na contemporaneidade se revela muito conquistador a partir dos desejos, este item continua de forma autoritária só de que com uma roupagem mais atraente, sempre solucionando a curto prazo os desejos de ter.

3 | CONSCIÊNCIA E DESEJO

O desejo é o intermediário entre a margem de liberdade do homem e o alargamento do exercício de sua individualidade. A preocupação de Fromm é saber se os nossos desejos são realmente nossos e questiona: se sou o que tenho, e perco, então quem sou eu? A consciência é a reguladora do desejo, o homem como indivíduo desejante precisa de harmonia e equilíbrio diante as suas necessidades.

Só há desejo quando não se possui. Esta peculiaridade é o anelo que constitui e caracteriza a vida humana. Fromm (1987), norteia o assunto a partir de duas vias: orientação mercantil e personalidade, o desejo de experimentar união com os outros é a condição específica da espécie humana é a força motivadora da conduta. O conceito filosófico-psicanalítico que contribuirá com a abordagem de Fromm é a de Jacques Lacan:

Lacan não opôs uma filosofia do desejo a uma biologia das paixões, mas utilizou um discurso filosófico para conceituar a visão freudiana, que julgou insuficiente. Assim, estabeleceu um elo entre o desejo baseado no reconhecimento (ou desejo do desejo de outro) e o desejo inconsciente (realização no sentido freudiano) [...] através da ideia hegeliana de reconhecimento [...] um terceiro termo, a qual deu o nome de demanda (ROUDINESCO & PLON. 1998. p.147).

Fromm acredita que o problema compulsório está iniciado e não resolvido. Para a psicanalista Sandra Edler (2017), a compulsão está impelida sem a possibilidade de escolha consciente, onde o sujeito é refém tratando-se de uma condição de aprisionamento onde o prazer se torna legítimo até mesmo para continuar a viver.

A demanda dialética de desejo em Lacan, abre o debate de Fromm para enxergar a estratégia do capitalismo contemporâneo a partir do consumismo e envolvimento total do indivíduo. Talvez a defesa histórica de Francis Fukuyama precisa ser retomada: “chegamos à mais avançada formação social, o neoliberalismo, e que o domínio [...] no mundo leva o homem a felicidade” (FORBES, 2010, p.51).

“Eu desejo o teu desejo”, canta Caetano Veloso, esta canção afirma o desejo como carência, falta e insuficiência (NOVAES, 1990, p.209). Laymeart complementa que o desejo hesita na plenitude do vazio, onde tal vazio ligando-se ao medo-solidão que até aqui discutimos como um problema existencial.

O consumo em sua utilidade deixou de lado o serviço a vida do homem e passou para a sedução do consumidor. “O terreno da compra racional, consciente, procurando seduzir por meio de texturas, cheiros. As marcas distribuem-se por aromas” (EDLER, 2017, p. 32), a estratégia do mercado está mais à frente do que se pensa, existe um sistema ligado ao desejo que atrai, estimula, captura e angaria o sujeito para consumir.

O tema do “Desejo e consumo”, levou outros pensadores alargar o humanismo contemporâneo como: o filósofo alemão Cristoph Turcke ao publicar a “sociedade excitada: filosofia da sensação”; O filósofo francês Guy Debord “a sociedade do espetáculo”,⁶ isso mostra que a cultura converte tudo no nível máximo de prazer. “Um círculo vicioso, uma espiral ascendente de excitação” (EDLER, 2017, p.44), esta expressão é o que Fromm já havia remetido a literatura kafkiana, o capitalismo sobrevive do desejo o sistema está configurado para o consumo exacerbado, voraz, impulsivo, rápido e automático.

Desejo para Fromm é um dilema existencial chamado de autorrealização. O autor não descarta a realização do homem mesmo nas sociedades capitalistas e seus contextos econômicos. Os indivíduos apresentam inclinação para liberdade de escolha em graus diferentes, mas a questão é que poucos tem consciência das alternativas, onde a capacidade de raciocinar responde a sua voz ativa na escolha de seu destino.

Bauman (2010), destacando a interpretação errônea de Jurgen Habermas no crepúsculo da sociedade sólido-moderna mostra a transição para a sociedade líquida de consumidores. Este pressuposto nos dá a ideia de “consumismo” no sentido de que o indivíduo se vê no problema de relação com este paradigma.

Fala-se do “dispositivo mágico” no mundo de consumo, trata-se de afirmar o Estado capitalista a partir da garantia de crédito para angariar consumidores (BAUMAN, 2010). Esta cultura da oferta mostra a liberdade de escolha individual ou imposta como obrigação. Bauman retoma a responsabilidade como ponto de partida para cada indivíduo se relacionar bem no mundo de consumo no atual contexto líquido que o capitalismo se apresenta.

Para Bauman (2010), refletir sobre o desejo é importante porque a sociedade vive de seduções se apresentando como um poder. As ofertas passam a ser excesso e a

6 Nesta obra é abordada o tema do ser e do ter, discussão que se aproxima da de Fromm no livro “Ter ou ser?” O diferencial de Guy Debord comparando com Fromm é a sua contribuição em completar com a ideia do “parecer”.

economia chegou ao ponto de dissipação e desperdício. A realização do desejo no mundo de consumo não está mais distante de se tornar realidade e a destrutividade que a ponta o consumismo é errôneas escolhas sem discernimento algum, cheia de egoísmo e sem nenhum critério.

Fromm (1977), por sua vez, afirma que ato de querer é um assunto difícil para o homem principalmente em seu descontrole. As perguntas sobre realmente aquilo que queremos, o que precisamos e o que nos é necessário. Antes de tais questionamentos, temos as pulsões de apenas querer, o desejo é um constante presente em nosso ser. “na verdade o homem moderno vive na ilusão de saber o que quer, quando de fato ele quer o que se supõe que deva querer” (FROMM, 1977, p.201).

Alcançar as metas naquilo que se deseja é tida como atitudes irresponsáveis, muita coisa lhe é possível, mas exercer a sua liberdade de escolha com dignidade é a grande questão. “O homem está pronto a correr grandes riscos ao procurar alcançar grande metas que se supõe serem dele” (FROMM, 1977, p.201). O autor compara as atividades exageradas a um ator ou a um hipnotizado, ou melhor, o indivíduo diante de seus desejos está cumprindo um papel que lhe foi dado.

O homem tornou-se um “submisso desejante do desejo ter”, o ato de comprar é o jogo de suas autoridades interna e externa, o fato é que a voz inconsciente de sua interioridade também é comprada e quem compra é o próprio modelo econômico, que em sua brutalidade, toma conta de sua integralidade.

Frei Betto, apropria-se da metáfora da catedral⁷ para exemplificar a dualidade que existe entre desejo e consumo. Os templos de consumo da contemporaneidade são os shopping centers, estes ganharam o status sagrados que orienta o homem, do mesmo modo do tempo medieval em que o cristo centrismo firmou poder, orientação e maior referência de condução humana, na catedral se afirmava a liberdade, contemplação, luxo, reverencia, culto e muito mais. Quem compra à vista está salvo, quem compra no prazo está no purgatório e quem não compra é condenado (FORBES, 2012).

Essa mesma conversa de Betto e Domenico mostra o exemplo prático com profundidade que está muito presente no cotidiano. O ato de ir ao shopping center é “sagrado” do mesmo modo como se vai a uma igreja e a dinâmica é completa sem exceção, o indivíduo se veste adequadamente, as vendedoras são as sacerdotisas encantadoras, invés de imagens o lugar oferece variadas vitrines para a contemplação. E para o consolo dos que compraram ou não será a mesa de alguma multinacional ao sair do shopping (FORBES, 2012).

Sobre o desejo do desejo de ter que já se afirmou no sentido filosófico apontado para a doença da contemporaneidade que Forbes (2012), chama de “curto-circuito do gozo”, trata-se da busca constante do prazer e o controle desta doença é o que as tecnologias e modelo

7 Conteúdo da conversa intelectual de Frei Betto (dominicano, jornalista e escritor) com Domenico de Massi (sociólogo, professor e universitário em Roma).

de consumo está se debatendo. Consideração precisa não é só afirmar o consumismo enquanto “doença”, mas como também a ideia de “vida boa”, analisa Bauman que a receita desta vida é o shopping center como dieta e o consumo como o ingrediente principal.

A personalidade é o primeiro critério de sucesso no mercado representando não só sua popularidade, mas levando em consideração sua existência e êxito em determinada função. “Se não é popular, simplesmente não é ninguém” (FROMM, 1977, p.102). O sucesso da personalidade é a dependência desta autoestima, faz parte da concorrência de venda, de troca e do modo de si encontrar, mesmo que seja destrutivamente, onde o objetivo maior é ser reconhecido e afirmado a partir do valor capital.

As escolhas estão controladas pelo reconhecimento social encontrando uma oposição cujo significado quer dizer humilhação e negação da dignidade, (BAUMAN, 2010). Consumismo e ego humano é encorajado pela posse de propriedade, ou seja, as coisas materiais e imateriais não pode ser separada de si, quanto mais se sente, mais precisa ter. O indivíduo encontra seu desenvolvimento em suas propriedades, favorecendo seu ego no prestígio e no poder.

A mercadoria atrelada ao conceito de pessoa, o sucesso do mercado, além de utilidade são as personalidades, que é considerado mais alto grau de seu valor. Sabemos que o sistema econômico só funciona de acordo com a tarefa particular do indivíduo em atender ao trabalho técnico, mas o que está em questão aqui é a agradabilidade de sua personalidade. O sucesso está entre competência, qualidades humanas (honestidade, decência entre outros) e o fator da personalidade.

Impressionar o público, é a primeira propaganda de que a personalidade está sendo bem avaliada, portanto tem-se que competir para vender bem. Toda a energia intelectual é insuficiente para o sucesso em determinada tarefa, fazendo que cada um consigo mesmo modele sua própria atitude. A preocupação não está mais com a felicidade, mas em tornar-se vendável, saber impor a personalidade é está na moda.

O desejo a partir da liberdade para a decisão consciente, vem mostrar o perigo do abismo que é a destrutividade. “A ética humanista tem de fazer face à dificuldade [...] ao fazer do homem o único juiz dos valores, poderia parecer que o prazer ou a dor se transforma no árbitro final do bem e do mal” (FROMM, 1966, p.154). o homem responsável diante de seus desejos aumenta a sua dignidade para se sentir bem e produtivo mediante as escolhas que tem de fazer.

Contribui Forbes: “A ética psicanalítica é ligada à adoção de um mundo incompleto, com responsabilidade pelo desejo, que é o incompleto que toca cada um” (2012, p.107). Este é ponto do desejo. Assim como Fromm se preocupou em questionar se os desejos são realmente nossos, Forbes acha fácil a expressão “ética do desejo”, mas indaga a responsabilidade no processo de investigação da consciência.

Fromm (1987), alerta que o relacionamento com esta realidade do desejo de consumo é produtivo quando equilibrada com a postura ascética do discernimento. Desejo é parte

constitutiva do ser humano, mas seu descontrole fere a dignidade porque acrescenta no indivíduo o excesso. O perigo que os gregos inculcavam como consciência na pólis é o primado da questão, por isso o equilíbrio ainda podemos afirmar como a política e religião: *Gnōthi Soutón* (conhece-te a ti mesmo) e *Medén Ágan* (Nada de excesso).

Ser aquilo que é a maior segurança de não se confundir com aquilo que possui, Fromm (1987), comparar esta discussão quando Deus se apresenta como “eu sou aquele que sou”. Remetendo a sarça ardente como a força da razão que confere ao homem a preservação de sua identidade enquanto essência. Nada pode privar o homem de sua segurança, o centro do homem está nele próprio.

Usando da sabedoria do mestre Eckhart, Fromm apresenta o conceito de alegria como oposição de prazer que produz na consciência do homem o modo sadio de controle de seus desejos. O prazer trás tristeza ao homem após ser atingido, “a tristeza é estado de espírito de quem defende o que possui” (FROMM, 1987, p. 127). O problema real é que o prazer é vivido sem alegria, a alegria é uma atividade produtiva, é luz que acompanha o modo ser, é abandonar as posses. Com a contribuição de Spinoza o autor complementa que a alegria é a passagem de uma perfeição menor para uma perfeição maior, alegria é meta do homem se aproximar dele mesmo.

A preocupação maior do autor em investigar se nossos desejos são realmente nossos dá continuidade ao seu interesse em fazer com que o homem resolver a tarefa de sua individualidade. Diante de tudo o que o indivíduo deseja, cabe questionar onde está a sua individualidade, o seu eu próprio. Em meio a tudo que já conquistou, encontrou-se ou perdeu-se.

4 | CONSCIÊNCIA E INDIVIDUALIDADE

O exercício consciente da individualidade é o alto grau de liberdade pessoal do homem e o respeito a individualidade do outro é o êxito da humanidade. Este conceito como percebemos é a continuidade da liberdade, ou seja, o homem livre é aquele que alcança a realização de seu ego, sendo a personalidade total a solução, e a consciência deste processo é o que coroa o pensamento do autor.

Para aumentar a margem de liberdade, o autor propõe a espontaneidade, solidariedade e produtividade como alívio da orientação mercantil, impregnado na personalidade do indivíduo contemporâneo. Espontaneidade é a busca de ouvir a própria voz e responder com as próprias forças, individuais e consciente. Solidariedade afirma o indivíduo no ambiente coletivo, banindo o individualismo e enriquecendo o sentido humano de um relacionamento sadio. Produtividade é o encontro do indivíduo consigo mesmo que permite a própria felicidade sem agredir os que estão em sua volta.

A psicanalista Edler (2017), citando Guy Debord afirma:

Existe hoje um excesso de exterioridade e a quase total ausência de interioridade. Muitas vezes o sujeito que se apresenta no consultório pouco ou nada quer saber de si. E, pior ainda, formas perversas de gozar colocam-se projetos legítimos – apontando para consequência desastrosas ao grupo social (EDLER, 2017, p. 145).

Edler e Fromm, com a máxima da psicanálise de valorizar a singularidade da pessoa, acreditam que o homem não pode ser visto de maneira isolada, sem o contexto cultural, realidade social etc. a sociedade globalizada não existe a inclusão prometida, rejeição e indiferença se mostra fortemente nesta cultura narcísica de segregação, exclusão e violência.

A diferença entre individualidade e individualismo é que Individualidade se baseia na responsabilidade produtiva do indivíduo em conhecer e exercer as forças próprias dentro do crescimento e relacionamento cultural a partir de seu princípio nato. Individualismo é o distanciamento dos outros indivíduos como necessidade de afastar-se e fechar-se dentro do próprio ego.

O próprio ato de valorizar a individualidade já é um aumento qualitativo da liberdade. A espontaneidade é tida como a vida de um artista ou de uma criança. O indivíduo espontâneo como artista, exerce a sua individualidade com precisão e dentro de sua arte está escrito sua história, afetos e criatividade. A produção é sua e por isso realiza seu ego. As crianças são claras e todos percebem as suas reações sinceras, “esta espontaneidade se revela no que dizem e pensam, nos sentimentos que expressam em seus rostos” (FROMM, 1977, p.206).

O artista é espontâneo com produções singulares, Forbes (2012), usa como exemplo Chico Buarque de Holanda para dizer que o seu trabalho é exemplo de um indivíduo que não cede a sua marca diferencial e afirma que a singularidade é um valor que não aliena o indivíduo e que viver é permitir a exigência e instituição de um estilo. “Dê à luz a si próprio” como exalta Fromm é o mesmo que é não cair no que diz Vinicius de Moraes em seu poema “passou por essa vida e não viveu”.

Forbes (2010), enunciou que na psicanálise a diferença de um aristocrata a um não aristocrata é a coragem e não a honra onde nasceu. Esse exercício da vida de artista, é justamente a coragem como valor que permite a abertura das próprias produções. O “artista” em Fromm aumenta o debate de Lacan em afirmar a espécie de homens entre políticos e intelectuais, entre ocupados e preocupados, a conclusão do próprio é verdadeira:

Pensar é se ocupar antes de ocupar. É se preparar com as coisas. É interpor ideias entre o desejar e o executar. A preocupação extrema leva à apraxia, que é uma enfermidade. O intelectual é, com efeito, quase sempre, um pouco doente. Por sua vez, o político é como Mirabeau, como César, um magnífico animal, uma esplendida fisiologia (FORBES, 2010, p.88).

O próprio trabalho afirma a individualidade, trabalho no sentido de realidade espontânea e realização do prazer, ou seja, a espontaneidade do indivíduo está em

sua participação política e compromisso social. A liberdade oferece esta relação com o mundo dando-lhe a segurança necessária “O homem pode ser livre, e sem embargo não ser solitário, crítico e nem por isso cheio de dúvidas, independentes e, no entanto, parte integral da humanidade” (FROMM, 1977, p.204).

Resolvendo a problemática da liberdade valoriza-se a espontaneidade como meio importantíssimo para o indivíduo se resolver com a solidão sem diminuir o seu ego, realizando seu próprio eu, se encontrar no mundo, a si mesmo e a natureza. Afirmado espontaneamente ao outro, o autor retoma o conceito de amor para falar do dinamismo de polaridade que existe em vencer a separação, encontrar a unicidade e banir a eliminação da individualidade. O homem sente-se seguro quando encontra na liberdade a eliminação das ilusões. Quando discutimos o ego, a originalidade do eu, não isentamos a ideia de igualdade.

Quando o isolamento, intimidação e pobreza estão esclarecidos na consciência o indivíduo enxerga a destrutividade, percebe o que vai contra a vida e na liberdade encontra a força e coragem de favorecer o bem estar da sociedade. Só se compreende o que é bom ou mau quando ser humano parte da questão empírica e não metafísica levando em consideração as condições e a análise da natureza humana.

O homem tornou-se individualista porque não tem voz ativa diante do consumismo, restando-lhe concordar com o sistema e ficar submisso diante de sua autoridade. Ele não está interessado em questionar o sistema, fugir já não pode e compartilhar não deve, uma possível solução seria: “solidariedade ativa com todos os homens e sua atividade, amor e trabalho espontâneos [...], mas como um indivíduo livre e independente (FROMM, 1977, p.38).

Ser livre é levar em consideração os princípios que colaboram com a liberdade pessoal e o bom relacionamento comunitário. Fromm enxerga que o homem solidário alcança uma vida produtiva lhe capacitando-o em seu bem-estar. Espontaneidade se faz precisa na individualidade, já que a própria cultura de consumo molda ao conformismo.

A razão como instrumento, é o que o autor relaciona as condições econômicas e fatores ideológicos, onde o indivíduo não soube encontrar sua liberdade e muito menos sua individualidade, este sistema não está pensando na dignidade do homem, existe um egoísmo lógico em sua própria manutenção que caminha lado a lado com a destrutividade, moldando o indivíduo em sua situação psicológica.

Para administrar a individualidade, o homem deve tomar consciência de que esta dicotomia está enraizada em seu ser. A personalidade se constrói através da história e da cultura, embora as pessoas não sejam iguais por partilharem de um mesmo ambiente cultural. A unicidade das experiências interpessoais permite o homem viver a sua individualidade.

A análise demonstra que a consciência governa com rigor tão grande quanto o de autoridade externas e, outrossim, que frequentemente o conteúdo das

ordens expedidas pela consciência do homem é ditado, em última instância, não pelas exigências do eu individual, porem por exigências sociais, que assumiram a dignidade de normas éticas. (FROMM, 1977, p. 136/137).

No mercado contemporâneo de personalidade, o indivíduo deve atender as exigências da publicidade, os anúncios têm a estética própria da vitória de mercado. A imagem da pessoa propagada como ideal para determinada função deve encaixar com a personalidade própria. O sucesso de um indivíduo deve ser confirmado por outros, trata-se da sua autoestima dentro deste jogo, para não ser imprestável deve ser aprovado e levado em consideração como valioso. Aceitando a orientação do mercado como juiz e valor das pessoas, automaticamente desaparecerá o sentimento de dignidade (FROMM, 1966).

Na orientação mercantil, o homem enfrenta as próprias forças como mercadorias dele alienadas. Já não importa a realização pessoal, mas o sucesso de venda, tudo o que realmente é seu, torna-se estranho para si. No lugar da individualidade existe o abismo de ser o que os outro querem ou de ser aquilo que faz. Quando o indivíduo está separado de suas forças, sente-se constituído pelas suas metas de consumo (FROMM, 1966).

Dentro deste conceito de individualidade, deve-se resgatar dois conceitos importantes, sendo o primeiro a peculiaridade, a máxima do homem como desenvolvido, e o segundo conceito é de igualdade, seres criados iguais com direitos fundamentais e considerados como fins em si mesmo e não meios. A importância de resgatar estes conceitos é que a igualdade se transformou em intermutabilidade, sendo a própria negação da individualidade (FROMM, 1966). Na orientação mercantil a igualdade não favorece o desenvolvimento da peculiaridade, isso significa a extinção da individualidade, esta orientação se caracteriza como ausência do eu.

Esta máxima do homem desenvolvido, pode ser também chamada de singularidade. Lacan apontou um elogio ao seu mestre Gide, afirmando a sua gratidão ao autor por ter insistido em sua singularidade, (FORBES, 2012). Portanto o indivíduo desenvolvido consegue destacar o seu estilo próprio mediante os traços que encontra na linguagem de sua singularidade.

No relacionamento social, o eu individual é banido de seu lugar de valor, tornando a relação uma superficialidade, essas condições falseiam forçosamente o sentido comunitário. As pessoas já não são elas mesmas, mas mercadoria que se relacionam, tornam-se incapazes de perguntar sobre a sua peculiaridade. Na orientação mercantil o homem está iludido de tentar resolver a sua solidão através do amor individual.

Virtude, bem viver e felicidade já foram o valor primeiro do conhecimento do homem e hoje se ver diminuído como instrumento de manipulação de outros e de si próprio. O indivíduo sente-se na obrigação de apresentar este caráter, sem compromisso com a verdade; nos ambientes virtuais sente-se propagador de uma imagem daquilo que não é.

Alienação, permite até a intelectualidade concordar com o valor do mercado, ou seja, o próprio conhecimento tornou-se mercadoria. É inútil a reflexão teórica, não basta a

preocupação com a verdade é necessário ter valor no mercado e está dentro da dinâmica de troca. A honestidade como um valor que engrandece a própria pessoa, serve de crédito. As qualidades humanas devem ser modificadas, embora sejam específicas que até possam caracterizar o indivíduo, para não entrar em choque com as exigências, Fromm chama este processo dentro da individualidade de evacuação.

Na orientação mercantil como improdutiva, vale ressaltar que ela não cria potencialidade na pessoa. Para responder a este problema Fromm acrescenta também a orientação produtiva dentro dos seguintes questionamentos que os séculos passados fizeram temos no XIX sobre o homem e a sociedade boa. No XX temos: as análises críticas do homem e da sociedade. A partir destes paradigmas históricos a orientação produtiva se inicia com ideal de uma ética humanista para a contemporaneidade.

Entende-se a capacidade da pessoa para usar de suas forças para criar potencialidades, esta orientação a partir da personalidade significa no setor da experiência humana uma atitude fundamental de relacionamento. “A produtividade significa que ele se experimenta a si mesmo [...] sente unido a suas forças [...] não estão escondidas e alienadas dele” (FROMM, 1966, p.75). Amadurecendo a personalidade do homem, chega-se à virtude pelo caráter produtivo. O valor da ética humanista não se conduz ao relativismo ético e origem da norma-conduta, este valor se encontra na própria natureza do homem.

Quando a desaprovação do senso comum participa da destrutividade o campo moral se torna um aspecto que diminui a dignidade do indivíduo, “as normas morais se baseiam nas qualidades inerentes ao homem e que sua violação produz a desintegração mental e emocional” (FROMM, 1966, p.5). A virtude do homem contemporâneo é enfrentar os julgamentos sociais do mesmo modo que se enfrenta um tribunal, com a própria consciência, como já exemplificamos a partir da literatura kafkiana.

No interesse pessoal do indivíduo contemporâneo o paradigma dentro da orientação mercantil é o “Sou aquilo que tenho, o que possuo”⁸, a pessoa humana é vista como instrumento dentro da máquina econômica a serviço de sua vontade. No mundo dos negócios uma expressão sequencial desta ideia é “Sou como você me quer”⁹ o homem desunido de si mesmo, seu interesse próprio torna-se uma falácia.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que uma democracia bem participativa é uma das possibilidades muito produtiva para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade consumista onde está em jogo a sua dignidade que perpassa o filtro da liberdade, desejo e individualidade. A sabedoria é mais necessária do que a máscara do otimismo, o homem deve ser esperançoso, realista e sem ilusões.

8 Conceção de William James usada por Fromm na obra *Análise do Homem*, 1966, p.121.

9 Nome da peça teatral de Pirandello usada por Fromm na obra *Análise do Homem*, 1966, p. 122. A peça visa as identidades e aparências relativizando a verdade.

O homem só se sentirá entusiasmado quando se inclinar para a vontade do espírito humanista, quando se enxergar o *homo consumens* (O homem de consumo). O consumo sadio acontecerá quando um número significativo de indivíduos alterar seus padrões e estilos de vida. A definição otimista do homem como condição essencial é *Homo sperans* (O homem esperançoso), esta ideia afirma na pessoa um passo produtivo para o seu futuro sadio.

O homem deve reconhecer a sua identidade em suas grandes diferenças: identidade do ego que é base do ter e identidade do eu baseado em ser. Esta crise de identidade deve ser resolvida, ela aponta e decide se o indivíduo está alienado ou não, a identidade inconsciente deve ser investigada dentro do processo social na qual vive o indivíduo.

Um cuidado muito necessário é com o fascismo tecnológico, com a centralização de produção e a economia de livre mercado. O diálogo entre Estado e sociedade deve ser valorizado e levado a sério. Este consumo sadio quebrará sistemas e devolverá para o homem o comando de sua liberdade. O progresso das ciências sustentará o equilíbrio da sociedade quando se valoriza a pesquisa que visa produtividade e está alinhada com políticas participativas.

A valorização do trabalho no modo produtivo, de ser, levará em consideração o ganho material a partir das satisfações afetivas e psíquicas de cada pessoa. Para o bem-estar das sociedades devem ser banido o prazer máximo. O desejo deve ser canalizado para aquilo que é bom para si e para sociedade. A consciência ecológica mostrará o que é prejudicial no consumo, ela contribui para diminuir um consumo que destrói, desperdiça e polui. Esta reeducação do indivíduo esclarece onde está o mal-estar do ambiente em que vive e deve ser cuidado.

A relevância desta abordagem é mostrar como a contemporaneidade recebe o homem moderno com seus fatores psicológicos presente na virada paradigmática nas novas formas do homem se relacionar com o capitalismo e ser conduzido por este ou por si próprio. A diferença é que as camadas desconhecidas do inconsciente não são valorizadas, passando despercebida no cotidiano do indivíduo, esta é a era da manipulação.

REFERÊNCIAS

BAUMAM, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

EDLER, Sandra. **Tempos compulsivos: a busca desenfreada pelo prazer**. Rio de Janeiro: casa da palavra, 2017.

FORBES, Jorge. **Você quer o que deseja?** 9. Ed. Rio de Janeiro: Bestseller, 2012

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FROMM, Erich. **Meu encontro com Marx e Freud**. 5. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1969.

_____. **O medo à liberdade**. 10. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1977.

_____. **Análise do homem**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1966.

_____. **A psicanálise da sociedade contemporânea**. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1974.

_____. **O coração do homem**. 3. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar editores, 1970.

_____. **Ter ou ser?** 4. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1987.

_____. MATOS, Marco Aurélio de Moura (Trad.). **Anatomia da destrutividade humana**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1975.

_____. **A sobrevivência da humanidade**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1975.

_____. **A revolução da esperança**: por uma tecnologia humanizada. São Paulo, SP: Círculo do Livro. s. d.

KEY, Wilson Bryan. **A era da manipulação**. São Paulo: Aberta Ltda, 1993.

NASCIMENTO, Silvio Firmo do. **A pessoa humana segundo Erich Fromm**. Curitiba: Juruá, 2010.

NOVAES, Adauto (org.). **O desejo**. 2. Reimp. São Paulo, SP: companhia das letras, 1990.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alimentação 25, 28, 29, 30, 36, 37, 41, 51, 99, 101

Aplicativos 70, 98, 153, 155, 156, 157, 158, 164, 165

Automação 54, 56, 57, 59, 61, 62, 64

B

Beleza 11, 12, 20, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 34, 35, 36, 37, 38, 222, 232, 233

C

Cinema 104, 112, 146, 166, 167, 168, 172, 175, 176

Consciência 72, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 223

Consumo 20, 23, 25, 40, 44, 45, 46, 57, 58, 85, 86, 87, 93, 96, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 108, 112, 118, 150, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 189, 190, 192, 218, 219

Cultura 25, 34, 37, 41, 43, 44, 52, 53, 54, 78, 99, 100, 130, 140, 143, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 179, 182, 183, 184, 188, 189, 204, 209, 210, 220, 221, 232, 234, 235, 236, 237, 240, 241

D

Desejo 32, 62, 76, 123, 174, 178, 179, 180, 183, 184, 185, 186, 191, 192, 193, 223, 225, 226, 230

Direitos humanos 74, 222, 229, 230, 231, 233, 241

Discurso 1, 3, 4, 5, 13, 21, 31, 57, 59, 62, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 75, 78, 83, 98, 99, 100, 101, 104, 106, 107, 108, 167, 182, 183, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 216, 218, 219, 220, 237

E

Educação 25, 36, 37, 46, 100, 154, 156, 164, 165, 176, 220, 222, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 241

Emagrecimento 23, 28, 33, 35, 37

F

Filosofia 27, 114, 152, 178, 179, 182, 183, 184

Fluxo 46, 130, 131, 138, 139, 140, 149, 166, 173, 174, 175, 176, 230

G

Games 110, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 137, 138, 139, 140, 153, 154, 156, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 222

Globalização 40, 41, 53

H

Humanismo 178, 179, 184, 232

I

Identidade 1, 16, 19, 28, 39, 40, 41, 42, 46, 51, 52, 53, 93, 100, 152, 187, 192, 205, 218, 219, 235, 237

Ideologia 43, 71, 73, 74, 78, 83, 179, 197, 221

Imersão 166, 172, 173, 174, 175, 177

Impotência 179, 181, 182, 230

Individualidade 28, 138, 178, 179, 183, 187, 188, 189, 190, 191, 225

J

Jogos didáticos 153, 156

Jogos digitais 129, 140, 171, 172, 173, 176

Jornalismo 3, 4, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 30, 31, 32, 34, 38, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 83, 141, 178, 241

L

Liberdade 74, 76, 77, 79, 80, 96, 107, 111, 113, 114, 115, 117, 125, 142, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 231

Luxo 98, 107, 185

M

Mercado 7, 25, 29, 39, 40, 44, 45, 46, 47, 54, 55, 59, 60, 85, 94, 95, 96, 98, 111, 120, 121, 129, 166, 170, 174, 175, 179, 181, 182, 184, 186, 190, 191, 192

Mídias sociais 85, 209

Midiatização 207, 208, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221

Mulheres 1, 2, 3, 7, 8, 9, 12, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 45, 51, 88, 90, 94, 95, 96, 100, 118, 239

N

Narrativa 72, 73, 75, 76, 83, 84, 90, 98, 99, 101, 106, 107, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 224, 235

Negacionismo 194, 196, 205

Notícia 1, 3, 4, 5, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 20, 27, 31, 32, 33, 35, 41, 65, 68, 89

O

Oferta 44, 52, 53, 54, 58, 59, 61, 62, 66, 85, 98, 111, 118, 146, 184

P

Pandemia 1, 2, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 55, 58, 59, 67, 68, 70, 195, 198, 199, 200, 203, 205, 206

Pesquisa 21, 23, 25, 26, 31, 36, 37, 38, 41, 46, 47, 48, 50, 54, 55, 68, 69, 71, 72, 75, 76, 83, 98, 108, 110, 111, 112, 116, 117, 126, 129, 131, 135, 139, 141, 143, 145, 151, 153, 155, 156, 157, 158, 164, 165, 178, 192, 201, 208, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Plataformas digitais 1, 2, 70, 87

Poder 4, 44, 45, 52, 53, 68, 74, 75, 81, 83, 96, 98, 106, 130, 133, 145, 147, 148, 149, 179, 182, 184, 185, 186, 195, 202, 220, 222, 226, 227, 230, 232, 233

Política 13, 36, 43, 46, 52, 53, 72, 73, 75, 76, 83, 100, 114, 149, 152, 180, 187, 189, 199, 201, 205, 207, 208, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 219, 220, 236, 241

Processo 4, 5, 26, 31, 40, 54, 56, 64, 76, 77, 85, 86, 98, 99, 100, 111, 113, 115, 117, 123, 124, 125, 130, 131, 143, 144, 146, 148, 153, 155, 156, 157, 167, 171, 179, 180, 181, 186, 187, 191, 192, 201, 208, 209, 210, 211, 219, 220, 223, 230

Publicidade 37, 43, 54, 55, 58, 62, 66, 85, 86, 87, 93, 94, 95, 96, 98, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 178, 181, 190

Q

Questionário 132, 235, 238

Química 153, 154, 155, 156, 158, 163, 164, 165

R

Redes sociais 2, 59, 85, 86, 92, 95, 112, 139, 181, 182, 195, 202, 205, 211, 218, 219

Resistência 18, 86, 194, 195, 203, 205, 226, 227

Revista 21, 23, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 68, 70, 82, 93, 100, 104, 108, 110, 127, 151, 164, 165, 176, 177, 206

S

Saúde 1, 2, 7, 8, 11, 12, 13, 16, 18, 19, 20, 21, 27, 28, 29, 38, 39, 41, 47, 52, 57, 59, 93, 107, 118, 119, 121, 123, 198, 199, 200, 201, 206

Sexo 39, 41, 47, 51, 52, 95, 135, 136

Silenciamento 20, 71, 72, 74, 75

Smartphones 129, 153, 154, 155, 156, 157, 164

Sociabilidade 222, 223, 224, 225, 227, 229, 232

Sociocultural 40

Sujeito 12, 39, 41, 52, 98, 100, 104, 148, 154, 182, 183, 184, 188, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 203, 204, 205, 222, 225, 229, 230, 231, 233, 238

T

Tecnologias 29, 54, 55, 56, 57, 59, 66, 67, 86, 112, 126, 141, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 165, 174, 175, 185, 209

Transformações 4, 74, 87, 96, 99, 106, 141, 143, 149, 167, 195, 209, 211, 236

Trilha sonora 89, 139, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176

U

Usuário 65, 110, 117, 129, 130, 131, 137, 139, 168, 174, 175, 237

V

Vacina 194, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206

COMUNICAÇÃO:

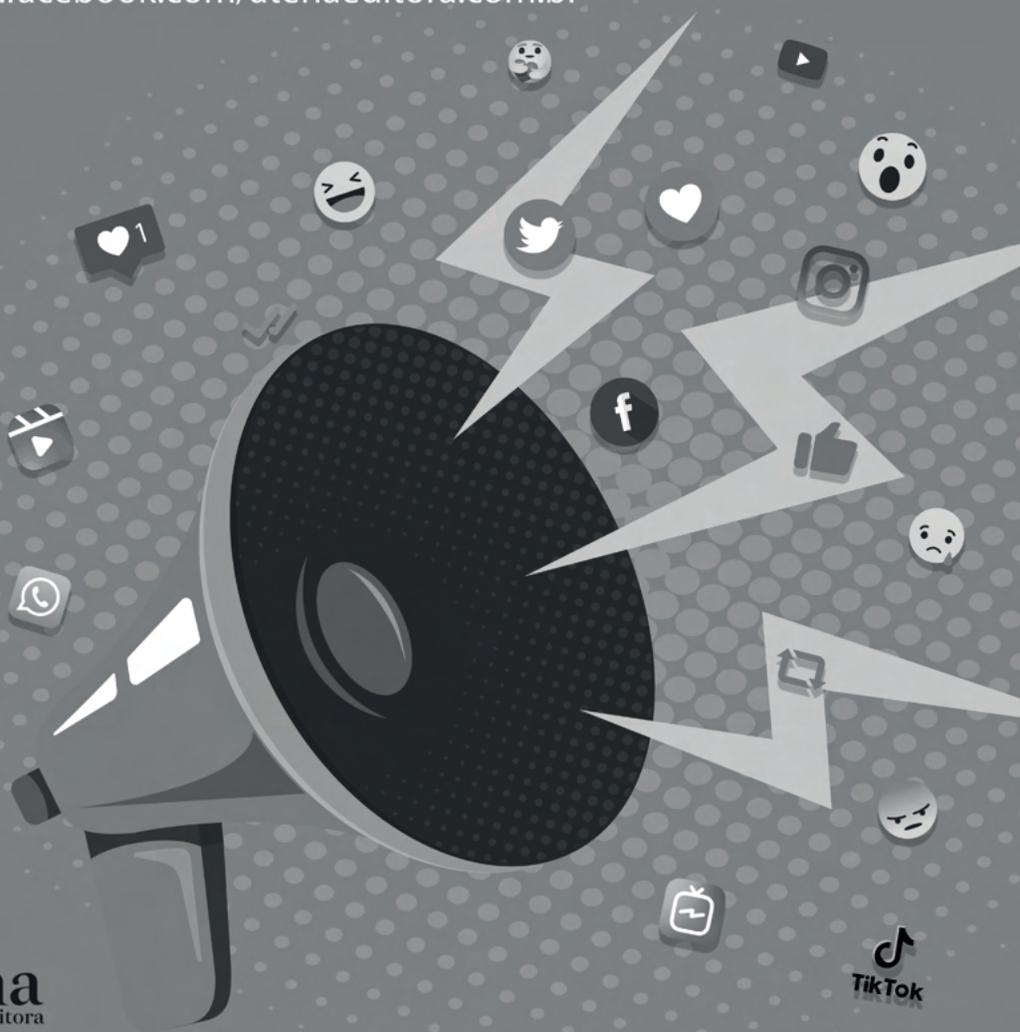
Mídias, temporalidade e processos sociais

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



COMUNICAÇÃO:

Mídias, temporalidade e processos sociais

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

